

Medicina Popular

Raiva

O povo do Norte diz *rábia*, em vez de *raiva*; e diz *rabiar*, *rabiado*, *rabioso*, além de *danar(-se)*, *danado*. No Positivismo ¹, vê-se empregado o vocábulo *derramar* (= *danar*); *derramado* está incluído na *Revista Lusitana* ², como provincialismo alentejano; também é usado na Estremadura. Os dicionários trazem o vocábulo, mas ele não é de uso geral. Na Beira-Baixa dizem *prear*, *marfar* e *derrancar*: «o cão *preia*, *marfa* ou *derranca*» (Rapa). No Algarve, o povo diz *raiva*, *marfar(-se)*, *marfado*, e ainda *arruinado* e *ruim*: «o cão está *arruinado*» ou «está *ruim*» (Faro, Tavira). A par com *marfar(-se)*, *marfado*, corre *marafar(-se)*, *marafado* ³. Nesta última província há também a frase *deitar-se a longe*, equivalente a «ir com a *onda*». *Onda* é o ataque de raiva (período de furor); usa-se o vocábulo em várias províncias ⁴, — dizendo-se em o norte *onda* e *ôndia*: «o cão vai com a *onda*»; também se diz *dor*: «o cão vai com a *dor*», — e *folia*: «o cão está com a *folia*» (Paredes).

Os cães, na tradição popular, tornam-se raivosos pelas causas seguintes:

Muita sede ⁵; frio ou calor ⁶ em excesso, ingestão de carnes

¹ 3.º ano, pág. 144, n.º 228, — e pág. 315, n.º 108. Artigo de Z. Consiglieri Pedroso sobre «Tradições populares portuguesas».

² IV, 62. Artigo «Dialectos alemtejanos», do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos.

³ Cfr. *Revista Lusitana*, VII, 246. Artigo «Dialectos algarvios», do Sr. Dr. J. J. Nunes.

⁴ Cfr. *Folclore da Figueira da Foz*, coordenado por M. Cardoso Marta e Augusto Pinto, Es: ds de 1913, II, pág. 21, nota 2.

⁵ É curioso este provérbio que citei já na *Revista Lusitana*, XVII, 71: «O cão rabelo no inverno com a sede que passa no verão» (Portuz-lo). — Lê-se na *Gazeta das Aldias*, n.º 816, de 20 de Agosto de 1911: «Marco de Canavezes . . . dizem alguns indivíduos que os cães não bebendo água, quando lhe aprover, danam-se . . .».

⁶ «Os cães danados aparecem pelas canículas», dizem. No romance de Dmitri Merejowky, *A Ressurreição dos Deuses*, vem — tradução de Joaquim Leitão, Lisboa 1902, pág. 2-0 —: «O nosso astrólogo prediz uma guerra e um verão muito quente, os cães danar-se-hão . . . Fácil era reunir alusões a esta tradição, como a outras, sobre as causas da raiva, em vários países.

podres ¹; comidas muito quentes ²; ingestão do trapo que serviu para estancar o sangue do golpe de matar o porco (Vila-Verde); ingestão de sangue de rezes abatidas no matadouro ³; ingestão de fel ⁴; ingestão do «bagaço» de azeitona ⁵; ingestão de azeitonas verdes ou da sua água ⁶; o lamberem sangue humano ⁷; certos ventos: o *soão*, *vento de terra* ou *vento de Braga*, que é um vento quente que sopra de leste (conc. de Viana-do-Castelo). Há o provérbio:

(o) vento soão
faz danar o cão.

O vento que faz danar os cães sopra de nordeste, segundo outros, e também há quem diga que sopra do norte. De um modo geral, são certos ventos frios que sopram no verão, e uns ventos quentes que sopram no inverno.

A uma pessoa de S. Tomé-de-Caldelas (Guimarães) ouvi dizer que a época dos cães danados era «o tempo dos centeios maduros, que é quando sopra um vento frio». No Vale-do-Cóina, dizem que é o «ar ruim» ou «ar mau» (vento norte e soão) que faz danar os cães. Outra causa de raiva é o soprar com um fole ao focinho do cão [Rapa (Beira-Baixa)].

¹ «Devem enterrar bem os animais mortos, senão vêem os cães e comem a carne podre, e depois *rabiam*» [Aife, Viana-do-Castelo]. Nesta aldeia dizem *rabiam*, mas o corrente é *rabeiam*.

² O Snr. Dr. A. C. Pires de Lima, nas *Tradições populares de Santo Tirso*, Pôrto, 1915, pág. 21, n.º 47, registou: «O pão quente faz danar os gatos (Areias)». No *Positivismo*, no lugar citado em a nota 1.ª deste artigo, vem: «É muito mau dar comer quente aos gatos, porque os faz derramar (danar)», — o que foi reproduzido nas *Tradições populares de Portugal*, do Snr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, Pôrto, 1882, pág. 173. — O mesmo efeito provocam as comidas quentes nos cães, pelo menos entre o povo do Minho e da Beira-Baixa. Vid. adiante um passo de António Ferreira. O Snr. Dr. A. C. Pires de Lima, na obra citada, pág. 44, diz também: «Pão quente dana a gente».

³ Lê-se n-*O Século agrícola*, de Lisboa, n.º 145, de 8 de Maio de 1915: «A. C. (San iago) [sic] — Por aqui dizem que o sangue das rezes abatidas no matadouro não é conveniente na alimentação dos cães, porque lhes provoca a raiva.»...

⁴ «*Vendas de Grijó* [concelho de Gaia].... Hoje comeu o dito cão o fel de uma toura. Dizem-me que irremediavelmente se danará. Será verdade?» *Gazeta das Aldeias*, n.º 654, de 12 de Julho de 1908.

⁵ Cucujães (Oliveira-de-Azemeis). — «Bagaço» é o resto do piso da azeitona, depois de se lhe extrair o azeite. *Bagaço* em Cucujães. Em Macieira d'Alcoba (Águeda), chamam-lhe *baganha*.

⁶ «Os cães *marfam* se principalmente no tempo da azeitona, porque comem azeitonas verdes, que teem um bichinho, ou porque bebem a água dessas azeitonas» (Algarve).

⁷ Turquel Vid. *Revista Lusitana*, xx, 79.

⁸ Cfr. A. C. Pires de Lima, *Tradições pop. de Santo Tirso*, Pôrto 1915, pág. 36, n.º 24.

Recorto ainda da *Gazeta das Aldeias* ¹ esta consulta de Marco-de-Canavezes: — «Pretendia..... quando [a cadela] andasse com o cio, cruzá-la com um cão de raça apurada; mas segundo uma tradição que por aqui corre, dizem alguns que os filhos da primeira parturição se tornam todos hidróphobos... ».

Em Santo Tirso: «Os cães das primeiras ninhadas danam-se quasi todos» ².

— Quando uma cadela, ou uma gata, tem filhos, deixa-se-lhe sempre um; quando não o animal *preia*, por não ter quem lhe tire o leite (Castelo-Branco).

Há várias expressões populares que fazem lembrar causas expostas: «está um vento (um calor, um frio) de fazer rabiá os cães», tenho uma sede (uma fome) de rabiá», etc.

António Ferreira, cirurgião de D. Pedro II, escreveu:

«São muytas [as causas da raiva do cão], como o excessivo calor do Estio, a demasiada sede, ou fome não soccorrida, o grandissimo frio do Inverno, repercutindo o calor ás partes internas do corpo, o comerem carnes corruptas, & de máo cheiro, ou inficionadas com ervas, ou mortas de algum rayo, o lambem algum sangue menstrual, ou comerem mantimentos muyto quentes, ou beberem aguas corruptas» ³.

É pouco mais ou menos a etiologia popular hoje corrente, em Portugal e lá fora ⁴: encontra-se ela exposta em vários outros livros e de há bastante tempo está demonstrada a sua sem-razão ⁵. Povo

¹ *Gazeta das Aldeias* (Pôrto), n.º 784, de 8 de Janeiro de 1911.

² A. C. Pires de Lima, *Tradições pop. de Santo Tirso*, 2.ª série, Pôrto 1917, pág. 21, n.º 23.

³ *Luz Verdadeyra, e recopilado exume de toda a cirurgia*, 4.ª impressão, Lisboa 1705, pág. 178.

⁴ Vid., por exemplo: *Dictionnaire abrégé des sciences médicales*, Paris 1825, tomo 13.º, s. v. *rage*; Luiz Figuiet, *La vie et les mœurs des animaux — Les Mammifères*, Paris 1873, pág. 387-388; *Maladies communes à l'homme et aux animaux*, Paris, 1906, pág. 300 e segg. — Encontram-se nestes livros ainda outras causas que, julgo eu, não são populares em Portugal.

⁵ Vid. as obras da nota antecedente, entre outras. — Quanto à influência do calor, note-se porém: «La fréquence des morsures varie..... selon les saisons; les anciens, et c'est encore une opinion populaire, attachaient une grande importance à l'action de la chaleur, comme produisant ou favorisant le développement de la rage.

«Les relevés de l'Institut Pasteur nous fournissent là-dessus des chiffres suffisants pour une estimation exacte, et qui sont remarquablement concordants d'une année à l'autre.

«Le maximum des morsures est en juin (1000 cas, depuis l'origine des vaccinations), le minimum en novembre (700 cas); les mois les plus chargés vont de février à août, les moins chargés de septembre à janvier; en somme, maximum au printemps et été, minimum en automne et hiver. [Pottevin, *Statistique des vaccinations*, etc., — *Ann. de l'Inst. Pasteur*, 1893]. — Menetrier, *Rage*, capítulo das *Maladies communes à l'homme et aux animaux*, Paris 1906, pág. 305.

e médicos colaboraram na engendração dessa etiologia, como da sintomatologia e terapêutica da raiva ¹.

Não é forçoso que os cães estejam realmente atacados da doença *raiva*, para a transmitirem. O povo julga que o simples *enfurecimento* do cão é bastante para que êle, mordendo uma pessoa ou outro animal, lhes provoque a *raiva* (doença).

A tradição, que é geral, tem até prendido a atenção de insignes médicos, entre os quais escolho Trousseau, que, na sua *Clinique médicale de l'Hôtel-Dieu de Paris* ², disserta assim:

«—Un chien non enragé peut-il, dans un accès de fureur, communiquer la rage par sa morsure? On ne comprend guère comment un animal peut transmettre un virus qu'il ne porte point avec lui, et si malheureusement il en était ainsi, le nombre des enragés serait infiniment plus considérable, car il n'est guère de personne qui n'ait été plus ou moins mordue par les chiens. Ou bien il faudrait admettre qu'il peut exister chez le chien un état rabique tout passager, tout provisoire, tout éphémère, comme le dit M. Bouley, pendant lequel sa salive serait virulente; passé lequel elle redeviendrait physiologique». Ce qui est surtout vrai, c'est que la rage de l'homme provient presque toujours de la rage d'un animal. Cependant des faits incontestables démontrent que des hommes sont devenus enragés pour avoir été mordus par des chiens qui ne l'étaient pas. Tel est, entre autres, le fait relaté par M. Camille Gros, d'un jeune homme qui mourut de la rage la mieux caractérisée, le 23 mars 1860, dans le service de M. Tardieu, et qui avait été mordu, le 14 Juin 1859, par un chien qui se battait avec un autre. Or, le 27 mars, quatre jours après la mort du malade de M. Tardieu, M. C. Gros vit lui-même ce chien qui n'était nullement enragé.

«Je dois à l'obligeance de M. le professeur Valeri (de Rome) la communication d'un fait analogue. Il a vu succomber à la rage un individu mordu par un chien surexcité par la colère; et ce chien n'a jamais eu la rage lui-même, car il a survécu plusieurs années à l'accident dont il avait été la cause, sans jamais avoir présenté aucun des symptômes de l'hydrophobie.

«Van Swieten racontait déjà qu'une vieille femme qui avait

¹ Acêrca da raiva, publicou De Tornéry um *Essai sur l'histoire de la rage avant le XIX^e siècle*, Paris 1893; Menetrier publica um resumo no capítulo *Rage*, das *Maladies com. à l'h et aux animaux*, que já citei. (Pág. 300).

² 3.^a ed., Paris 1868, II, pág. 433.

reçu d'un coq en fureur un coup de bec, était morte avec tous les symptômes de la rage; mais cet auteur, qui ne pouvait admettre qu'un animal transmitt un virus qu'il ne renfermait point en lui, suppose que le coq était peut-être enragé et que la rage lui aurait été communiquée par un renard. De plus, ajoute-t-il, si la rage spontanée existait chez le coq, nous devrions être bien étonnés de ne pas en rencontrer plus souvent en Angleterre, où cet animal, batailleur et irascible, est dressé au combat.

«Malpighi rapporte aussi que sa mère mourut de la rage quelques jours après avoir été mordue par un épileptique.

«Cependant il faut reconnaître que tous ces faits de rage provenant de blessures faites par des sujets qui n'étaient pas enragés, pour n'être pas apocryphes sont au moins exceptionnels». —

Claro é que o aparecimento da *raiva* motivado por um acesso de simples cólera do cão não é hoje de maneira nenhuma admissível. Vêem-se, porém, as raízes da tradição popular, fortalecidas de mais a mais por homens ilustres, que documentaram as suas ideias com *casos* médicos — sem dúvida alguma, pode-se hoje afirmá-lo, mal observados. Todavia, quando êsses homens se enganavam, que admira que o povo se enganasse também?

O erro popular advém, com certeza, de se considerar a *raiva* como sendo uma modalidade da *cólera*, do *furor*, estado êste a que se tem atribuído qualidades peçonhentas:

— «Na opinião de graves Authores — diz Curvo Semedo ¹ —, toda a mordedura de animal irado, ou frenetico he peçonhenta, principalmente estando em jejum; por quanto mediante a saliva se communica à mordedura o veneno dos animaes, dos quaes huns são sempre venenosos como a Vibora, o Lacrau, a Aranha, o Escorpiam; outros são só venenosos quando se assanhaõ, como he o gato, o bugio, a doninha, o lobo, & o caõ, que sobre todos he o animal que mais depressa cahe nesta enfermidade; porque tem um temperamento quente, & secco, & por isso com facilidade se lhes requeyma a colera, & o sangue, & se converte em humor atrabiliario taõ venenoso, que não só os dana, mas deixa inficionado a tudo quanto mordem,» ... —

Aí fica bem nítida a confusão, explicada ao sabor da época.

Ajunte-se que, na Beira Baixa, se crê que até a mordedura de uma pessoa zangada é peçonhenta.

¹ *Polyanthea Medicinal*, pág. 525-526

Passemos agora à sintomatologia.

O cão danado ¹ põe-se triste, corre em linha recta, sem olhar para trás nem para os lados, tem os olhos injectados, traz o rabo entre as pernas, não morde o dono, fugindo até de casa para lhe não morder ², não salta, não come, tem horror à água, etc. A sintomatologia é afinal quasi a que vem descrita nos antigos livros de medicina. Citarei, para amostra, o que dizia António Ferreira: [Conhece-se que o cão é danado] «pela relação do mordido, porque dirá a fôrma, & modo com que vinha o Caõ, quando o mordeo; dizendo, que era magro, muyto triste, melancolico, os olhos incendidos, o rabo metido entre as pernas, a boca chea de escuma, a lingua saida fóra, & açafoada, arremetia sem proposito, & correndo sem ordem ³ subitamente parava, & com hum desatinado furor, & sem ladrar mordia igualmente a todos, tanto homens, como animaes, não sómente estranhos, porém familiares ⁴, fugindo delle os outros cães. Além disto não comem, fogem d'agua, não ladraõ, & se algũa vez o fazem, he com hũa voz rouca» ⁵.

A critica aos erros vulgares, quanto aos sintomas da raiva do cão, está já feita ⁶. Apenas me demorarei com a *hidrofobia*, por se tratar de um erro fortemente enraizado, até entre as classes cultas. De facto, raro são os que não cuidam que o cão danado foge da água ⁷. A justificar a generalização dêsse erro está o próprio nome *hidrofobia* (horror à água) empregado como sinónimo de *raiva*, sem que passe pela ideia que haja distinção

¹ O leitor vai lembrar-se do côro dos médicos em *El rey que rabió...*

² Ouí em Viana-do-Castelo: «O cão que dana foge da casa do dono; três dias depois volta, mas não morde no dono». No Algarve: «O cão, se está marfado, sai de casa e aparece, passados quarenta dias, com os olhos encarnados e a deitar baba pela bôca».

³ O povo crê que o cão danado corre em linha recta. Cfr. *Errori e pregiudizi volgari*, de Gustavo Strafforello, 2ª ed., Milão 1901, pág. 62. Assim se diz—note-se—em geral nos livros. Cfr., por exemplo, Carlos de Andrade, *Ligeira contribuição para o estudo da raiva em Portugal*, Porto 1901, pág. 15. Na Marinha Grande dizem que os cães danados correm em direcção ao mar.

⁴ Também se julga, em geral, que o cão raivoso não morde no dono, e que até, como disse já, foge de casa para lhe não morder. Cfr. o que diz Luis Figuier (obra cit. pág. 386): «Il est assez rare qu'il se jette sur son maître, et c'est probablement pour éviter ce malheur qu'il disparaît de la maison dès qu'il ressent les premières atteintes de ce mal horrible». No entanto, há o velho ditado: *cão com raiva de (ou em) seu dono trava*, a que corresponde o castelhano: *el perro con rabia a su amo muerde*. No Algarve corre: «cão marfado morde no dono» (Faro).

⁵ António Ferreira, obra cit., pág. 178.

⁶ Vid., entre outras, as obras citadas, ao falar da etiologia.

⁷ Já me referi a este erro vulgar, na FOLHA DE VIANA, de 3 de Outubro de 1914.

entre a *raiva humana* e a do *cão*, tanto mais que é este (quasi sempre) que transmite a doença ao homem.

Falo do *cão*, em especial, porque «sobre todos he o animal que mais depressa cahe nesta enfermidade»¹ (Curvo Semedo); —é elle «l'animal rabique par excellence»² (Menetrier); e é-o, dizem, no Vale-do-Cóina, porque não *sóa* (=sua, de suar).

Na *raiva humana* é que há um período chamado de *excitação* ou de *hidrofobia* (*stadium irritationis seu hydrophobicum*), caracterizado por uma extraordinária reflexibilidade nervosa, de que provêem os *espasmos*, o mais saliente dos quais é o *hidrofóbico*. — «En essayant de boire—descreve Jaccoud—, au moment où il va porter le liquide à ses lèvres, le malade recule épouvanté, sa figure exprime la souffrance et l'effroi, ses yeux sont fixes, ses traits contractés, ses membres tremblent, son corps frissonne, et cet accès le met dans l'impossibilité absolue d'avaler une seule goutte de liquide. Bientôt le calme reparait, mais si, tourmenté par la soif, le malheureux veut renouveler sa tentative, les mêmes accidents se reproduisent avec une nouvelle intensité et le condamnent à ce cruel supplice que Celse avait énergiquement dépeint, *miscerrimum genus morbi, in quo simul ceger et siti et aquæ metu cruciatur*»³. — O espasmo *hidrofóbico* produz-se também à vista de água, ao ouvi-la cair, até só com a lembrança dela (*sola imaginatio aquæ*). Este horrível ataque *hidrofóbico* foi sempre o sintoma que mais deu nas vistas, havendo sido considerado por isso como característico da doença⁴. Daí o chamar-se *hidrofobia* à *raiva humana* e, por extensão, tratando-se de idêntica doença, à *raiva dos animais*.

O *cão*, a que vulgarmente se chama «*hidrófobo*», não é, pois, *hidrófobo*. Elle não tem horror à água⁵. Mas como são os cães (principalmente) que inoculam o vírus *rábico* no homem, nada mais natural que julgar-se que a doença é precisamente a mesma⁶,

¹ Curvo Semedo, *Polyanthea Medicinal*, 4.^a impressão, Lisboa 1727, pág. 526.

² Menetrier, capítulo *Rage* das *Maladies communes à l'homme et aux animaux*. Paris 1906, pág. 302.

³ Citado na obra indicada em a nota antecedente, pág. 312-313.

⁴ Vid. Menetrier, obra cit., pág. 313.

⁵ Cfr. Menetrier, obra cit., pág. 328, e Gustavo Strafforello, *Errori e pregiudizii volgari*, pág. 61.

⁶ Crê-se até que, com a doença, se transmite a bestialidade do *cão* (cfr. Menetrier, *Rage*, in *Mal. com. à l'h. et aux animaux*, já cit., pág. 314). Em Vila-Mou (Viana-do-Castelo), ainda muitas pessoas se lembram de uma mulher que morreu de *raiva*. Todas asseguram que essa mulher até *urivava* (uivava).

e que, portanto, o «horror à água» existe também naqueles animais ¹.

A pessoa mordida por cão danado vê na água a imagem do cão (ou só da cabeça, disse-me um indivíduo de Vila-Mou, concelho de Viana-do-Castelo). Isto não só no Minho mas também na Beira e Trás-os Montes, pelo menos ². O snr. P.^o Cunha Brito, num artigo sobre «Etnografia Minhota», diz ³: «O que foi mordido de cão danado, se se aproximar dum poço e não vir no fundo a sombra (imagem) do cão, pode contar que dana; senão, não (Soajo)», e manda confrontar com o que diz Paulo Sebillot em *Le Folk-lore de France* ⁴. É por verem a imagem do cão — disseram-me em Viana-do-Castelo — que as pessoas atacadas de raiva teem horror à água.

Na Marinha-Grande, dizem que o mordido vê a imagem do cão num espelho.

(Continua).

CLÁUDIO BASTO.

¹ Para se ver o que há de verdade na tradição popular acerca da sintomatologia, vid., por exemplo, o artigo resumido *Rage des animaux*, no trabalho já citado de Menetrier (pág. 328).

² Vid. *Trad. pop. de Portugal*, pág. 70 § 155, e *Revista Lusitana*, x, 217; xix, 98.

³ *Revista Lusitana*, xv, 298.

⁴ II, 245.